

Lira
Romântica

José Luiz da Luz

2ª Edição

Câmara Brasileira de Jovens Escritores

Copyright© José Luiz da Luz

Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rua Crundiúba 71/201F - Cep 21931-500
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3393-2163
www.camarabrasileira.com
cbje@globo.com

Agosto de 2008

Segunda Edição

Coordenação editorial: Gláucia Helena
Editor: Georges Martins
Produção gráfica: Alexandre Campos
Revisão: do autor

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização prévia, por escrito, do autor.

Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais

José Luiz da Luz

Lira
Romântica

Agosto de 2008

Rio de Janeiro - Brasil

ÍNDICE

Prólogo	9
Introdução	11
Quem sou eu?	13
Se eu soubesse	14
As nuvens	16
Canto da Morte	17
É amor	18
Canto para um amor	20
Na rede, lembranças de uma mulher	21
Eu te desejo	24
Água pura	25
Canto da criação	27
Canto da terra	29
No asilo	30
Temporal	31
A ferida da alma	33
Imagem íntima	34
Sonho ainda	35
Como a Fênix	37
Uma criança atingida	38
Consumindo-se de amor	39
A cripta	40
Às vagas	42
A partida	44
A partida II	48
Acima de tudo	51
Quando te vejo	53
Lágrimas íntimas	55
As mãos	56
Um poeta morto	57

O vai e vem	59
Lágrimas da volúpia	60
O pântano	62
Princesinha	63
Quando eu morrer	66
Canto do poeta profeta	68
Súplica	72
Erraticidade	74
Tanto desejo	76
Perdão	77
Spleen transcendental	79
Fragmentos da fé	82
Ensinos da alma	83
Face oculta da lua	85
Virgem do além	87
Anjos das primaveras	89
A rosa	91
O sonhador	93
Seara	94
Morrer sonhando	95
Sintonia	97
A solidão da noite	98
Seres sem rosto	99
A ciência da poesia	100
Decifra-me	101
Espelho	103
A cisma	104
Triste transformação	105
Juntos para a eternidade	106
Analogias	108
Apocalipse	110

Teu nome	111
Meu anjo	112
Prélio contemporâneo	113
Moribundo	114
Binomia	115
Alma sensitiva	117
Os homens e os cães	118
Minha íntima ventania	119
Noite bravia	120
Os recicláveis	121
Lágrimas internas	123
As flores	124
Coisas que não voltam jamais	125

Prólogo

Foi com surpresa e alegria que recebi o convite para escrever o prefácio do livro “Lira Romântica” de meu amigo e companheiro de trabalho José Luiz da Luz.

Surpreso por não ser poeta e contista como o autor, mas com regozijo em ver um sonho realizado através da publicação de um trabalho, construído e amadurecido desde a juventude.

Sua personalidade tímida o conduz a refletir muito, pensar maduramente. Estes atributos trouxeram à tona suas impressões sobre os homens e seus sentimentos.

Sensibilidade demonstrada em abordagens sobre diversos temas: amor, vida, morte, solidão, numa abordagem romântica da dimensão espiritual e psicológica do ser humano.

Seus poemas e contos têm influência da segunda geração do Romantismo Brasileiro, com temas atuais mantêm o rigor da métrica e rima como os poetas passados.

Concorreu com 6300 poetas e teve o poema “O Pântano” publicado no livro “As MELHORES poesias de 2007” editado pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores.

O José Luiz da Luz venceu todos os obstáculos de um trabalho solitário. Com muita coragem e audácia expôs seus sentimentos mais secretos, e através de seus poemas desnuda sua alma, atravessa uma nova fronteira cheia de descobertas, que podem ser as mesmas de outros tantos Josés e Marias de nossas vidas.

Osmar Aggio

Autor do livro “A Colônia Que Veio do Pó”

Introdução

Desde que vi tímida e seminua a minha alma exalando por entre as pedras e espinheiros deste meu horto, os fluidos da própria essência, estes são os cantos. Cantos de um pobre poeta. Perdoem-me poetas românticos, ademais os acordes doridos continuam sendo iguais, senão um tema de almas sensitivas.

São continuações dos cantos de uma lira que vibra no intrínseco de uma alma, que já soaram, e que soam novamente. Vibrações naturais de uma alma que reage aos sentimentos e emoções, às sendas do subjetivo e do objetivo, da beleza e do mistério.

Nasce a poesia deslumbrada exausta de fitar o céu, ademais atingir o lume das estrelas com asas de ouro, e o poeta voa na terra. Que lembra das vivências da alma, ouve as harmonias da natureza, vê o imaterial, pressente o intocável. Afinal, o poeta é um ser humano que tem alma. Alma que encerra em si toda atividade existencial dos planos, que ama, que sente, que pensa ... No afogo das sendas da ilusão material, a alma é a única coisa que existe.

Pois o amor é desde um impulso interior que impele uma alma à outra alma, até a atração desconhecida que alça a inteligência extasiada às sendas do mistério, no altar da beleza ou da verdade. O amor é o real fundamento imortal dos mundos e de toda criatura criada por Deus.

A poesia então começa pela erupção das palavras manchadas dos fluidos do mais íntimo da alma, brilhando sobre a terra como o arrebol que guarda os últimos raios do sol, mesmo tendo a noite pela frente. Caminha tímida por entre os corações sensitivos, derramando as melodias perfumadas e luzentes. Que vibrem no peito a poesia, o amor e a fé, pois são os mais puros caminhos para a reintegração no absoluto.

Quem sou eu?

Sou o reluzir na água da luz da lua;
O sabor das águas que nascem da fonte;
Os olhos da criança às nuvens insonte;
Sou o furor do sol que no éter flutua.

Sou a música do éter em harmonia;
A ordem dos astros em órbitas reais;
A luz das estrelas em ações vitais;
A força da nuvem cósmica bravia.

Sou o perfume da terra original;
A vida de todos os seres viventes;
O princípio que deu todas as sementes;
O infindo fluido cósmico universal.

Sou o princípio, o meio e o fim dos mundos;
O alfa e o ômega da criação total;
A imortalidade do espiritual;
A rapidez da luz, aos confins profundos.

Sou a inteligência mental dos pensantes;
A relatividade do tempo e espaço;
O frio do gelo, do fogo o mormaço;
As néveas nuvens, os raios penetrantes.

Sou o silêncio da ermida ornada em flor;
O espírito e a matéria estão em mim;
Eu não tive começo, nem terei fim;
Eu Sou Deus! Sou o Criador! Sou amor!

Se eu soubesse

Se eu soubesse lhe agradecer:
Seu clamor eu ouviria,
sua dor respiraria,
navegaria em seu mar.

Se eu soubesse lhe agradecer:
A minh´alma eu lhe daria,
de meu sol lhe cobriria,
aqueceria o seu ar.

Se eu soubesse lhe agradecer:
Seu suor eu tiraria,
seu labor eu quem faria,
teria o seu palmilhar.

Se eu soubesse lhe agradecer:
Sua chaga eu tiraria,
meu sangue é que escorreria,
penaria o seu penar.

Se eu soubesse lhe agradecer:
Sua cruz eu tomaria,
e de luz lhe cobriria,
morreria em seu lugar.

Se eu soubesse lhe agradecer:
Serviria o meu amor,
nas papilas de uma flor,
para poder lhe encantar.

Mas não posso lhe agradar,
suprimindo o seu labor,
pois a lei do Deus de amor,
é aprender, para brilhar.

As nuvens

São tantas as nuvens que escurecem;
Tantos fracassos desenrolam;
Mil ternuras desaparecem;
Vidas esmagadas se assolam.

São tantas as nuvens que enlouquecem.
No meu seio nu condensando.
Cobrindo os sonhos que fenecem.
Num véu perdido, se afogando.

São tantas as nuvens que me espantam.
Nimbos ao léu que roubam luz.
Pois na vida rocas levantam,
ferindo o madeiro da cruz.

São tantas as nuvens desta vida,
que refrega para a alma traz.
Expondo à lama a tez ferida,
selvagem, qual fera tenaz.

Nuvens que têm o amargor do fel.
Manchadas de sangue, aparecem.
No seu manto escondem o céu,
deixado trevas que enlouquecem.

Canto da Morte

Morte! Tu és a ceifa em mistérios envolta.
Dás asas ao infinito à alma cativa.
Cinges a potestade à terra furtiva.
Aniquilas do peito a chama revolta.
Morte! Tu que pegas a foice dorida,
e corta sem dó, o cordão vital da vida.

Tu abates toda autoridade do mundo.
Levas ao pó rótulos, honras e glórias.
Fazes do carnal em vestes transitórias.
Findas os sonhos em teu seio profundo.
Morte! Teu nome em todo verbo está escrito.
Sobre as faces esculpes teu infinito.

Fazes heróis tremerem no cadafalso.
Ceifas o orgulho, emudeces os bravios.
Teus raios atravessam portais sombrios.
Dás o sabor da agonia em teu encalço.
Morte! Que a alma agarrada à carne se agita.
Fenece os sentidos!... liberta, dormita!

Tens justas leis e guardas o real peso.
Pagas para cada um o seu galardão.
E cobras dos ímpios a justa fração.
Queima o mormaço, do teu archote aceso.
Morte! Provas que a densidade é ilusão,
quando as almas arrebatas deste chão.

É amor

É amor! ... desde a atração da Terra à lua,
ao impulso do homem à mulher amada.
Desde o hausto de Deus que no éter flutua.
É amor! ... dos mundos, a fonte enleada.

Penetrante às sendas do desconhecido,
aos pés da cruz, da utopia ou do real.
O amor, é luz de todo ente concebido,
luzindo no âmago, de modo imortal.

Meu Deus! ... criaste assim tua criatura,
fizeste o humano de lodo à tua imagem.
Para amar, entre a liça, à tua feita,
o rei da criação, de leda roupagem.

Foi o amor que fez os apóstolos sábios,
morrerem à prova da imortalidade.
Sob torturas, não cerraram os lábios!
Sangue fervente do ardor da caridade.

Foi o amor que fez os mártires trementes,
nas prisões dos Césares verterem sangue.
Consolando-se à luz dos anjos clementes,
morriam para a luz, com corpos ao mangue.

Foi o amor que fez a agonia da cruz,
tornar-se um egrégio bálsamo às nações.
Ecoando nos séculos sua luz,
qual hino triunfal para os corações.

Deus é amor! ... a melhor definição,
acerca do Pai criador do infinito.
Ser amor, na essência, por revelação.
Nos universos, é o fluido mais bendito.

A vontade regra tudo, exceto o amor.
Porque do Espírito de Deus ele nasce.
No sagrado coração em resplendor,
um fogo ardente, de doação e enlace.

Canto para um amor

Jóia preciosa envolta em divino véu.
És mais alva do que o brilho do luar.
Alada mais do que os meus sonhos de céu.
Na alma te velo qual pérolas do mar.

Impávida te vejo às sendas do léu.
Num desvario banho-me em teu brilhar.
Exala tua alma o reluzir de um céu.
Tens teu seio, as águas sagradas de um mar.

E como um anjo que o amor é o troféu.
Alçada às asas de ouro vejo a voar.
Maviosa te vejo luzir no meu céu.
Ornada às cores da ardentia do mar.

Na rede, lembranças de uma mulher

No oscilar da rede,
mescla a sua sede.
Tem o seu descanso,
no doce balanço.
No gélido leito,
que reclina o peito.

E pranteia agora,
lembrando da hora.
Tão cândida e nua,
na alva cama sua.
No afã do calor,
mergulhou no amor.

Vaivém a lembrança,
daquela aliança.
Langue de emoção,
em seu coração.
Pérola e tão bela,
da noite, donzela.

Sussurros molhados,
nos lábios plasmados.
Eflúvio sentido,
e um céu atingido.
No seio luzia,
luar que caia.

Mas lembrava ainda,
que a magia linda,
o inverno mirrou.
Seu frio levou,
a flor da paineira,
na noite primeira.

Um suspiro vem,
chora ao vai e vem.
A febre que orvalha,
embuça a mortalha.
Ferida invisível,
de uma alma sensível.

Estremece e cai ...
de sua alma, um ai!
Pois do céu, um astro.
Um cometa em rastro,
qual raio passou,
e logo findou.

Afoga o seu peito,
no afogo do leito.
Só réstia deixou,
o astro que passou.
Só um archote vil,
e uma tez febril.

Qual astro ao luar,
trouxe o prantear?
Que no céu luzente,
sumiu de repente ...
Numa senda incerta,
de nuvem coberta ...

Pálpebras tolhidas,
de aragens perdidas.
Ferve o coração,
da dor em serão.
Como águas ferventes,
ao fogo, torrentes ...

Eu te desejo

Desejo, se ímpios plasmarem tua cruz.
Com exato fardo ao teu suor verter.
Que esmeres bem tua alma ao oferecer.
A certeza do perdão, e tua luz.
Que haja feito na pira do coração.
O fulgor justo de um verdadeiro irmão.

Desejo que tenhas o discernimento.
Que pondera quem desliza, e quem odeia.
Para que a sabedoria que permeia.
Dê ciência, e que exales entendimento.
Que não morra de tua alma esta ternura,
que possa afagar o afã de outra alma impura.

Desejo, se as tuas lágrimas furtarem,
dos teus mistérios o amor do coração.
Que tu interpeles tua própria razão.
Tendo ânimo para teus pés palmilharem.
Que tu ouças a voz que te fala em segredo.
De quanta vida virá após o degredo.

Desejo que sejas jovem no plantar.
Maduro na ceifa, tendo o joio e trigo.
E ancião no atar boa colheita ao abrigo.
Cada idade tem sapiência ao trabalhar.
Que saibas da força que abre uma semente.
Que entre as pedras explode folhas contente.

A água pura

(esta poesia faz parte da série composta aos 20 anos)

Tenho no peito um revoltado mar.
E minha alma à ardência delira.
Sequiosa nas salinas aspira,
à água pura no afã de um luar.

Sede da água pura em taças de ouro.
De fresquidão, fecunda de luz.
De alma sedenta, insossa da cruz.
Anseio ao luar, rico tesouro.

Rouqueija-me o peito de segura.
E que à sede, impregna a minha dor.
De feridas mãos, luta de amor.
Sedento desta água de doçura.

Qual a Samaritana sedenta,
com o cântaro às bordas da fonte.
De secos lábios pedia insonte,
da água que farta alma sonolenta.

É o corpo de carne a casa da alma.
Que não farta só a água do mundo.
Neste chão quer o oásis mais profundo.
Que saneia à água pura, e acalma.

Há vozes internas no meu leito,
que mentem como ebriosos lábios.
Bebo as lágrimas dos olhos sábios,
e sinto o sabor dentro do peito.

Pousam na minha febre sedenta.
Ouço-as ébias, que o seio dormita.
Pelo sono, da minh'alma aflita.
E busco a água pura que me alenta.

Oh mundo! Quantos corações áridos.
Quanta estiagem! Quanta secura.
Almas secas cheias de amargura,
que ecoam os seus verbos esquálidos.

E que a esperança estéril não seja!
Na alma não cale tão prematura.
Derrama a minha água de ventura.
Farta-me que a alma, no templo almeja.

Canto da Criação

No princípio, era o nada absoluto!
E Deus criou todos os elementos.
Macro e micro universo, resoluto.
Fizeram-se reais os firmamentos.

E em trevas, a terra estava vazia:
“-Faça-se a luz”! Para a Terra em furor.
Assim Deus criou a noite e o dia.
Fez-se os tempos, a seara, o vigor.

A terra e a água foram separadas.
Seios fecundos para as criaturas.
“-Na terra brotem: Vidas variadas”.
“-No mar consinto: Outras tantas naturas”.

E no sexto dia da criação:
“-Faça-se o homem de lodo e de uma alma”.
Semelhança e imagem, à perfeição.
Assim Deus criou, com amor e calma.

Com primazia aos seres outorgou.
De toda a terra, do céu e do mar.
“-Sementes para as searas eu dou”.
“-Braços e pernas para trabalhar”.

E assim se fez: Tudo perfeito e lindo.
Leis que regem a lógica do mundo.
Miríades de astros no céu luzindo,
para a glória do Seu reino profundo.

Mas a matéria se transforma, é instável.
E toda vida é densa e transitória.
A vida real, luzente e infindável.
É a do espírito, numa vitória.

Canto da terra

Eu sou a terra: A mãe, a fecundidade!
Foi gerado o homem no meu ventre de lama.
Também binomia com voracidade.
Meu leite alimenta, mas meu fogo inflama.

No delírio das sementes sob a leiva.
Dou vida às árvores, e mel para flores,
sabor aos frutos, e força para seiva.
Mas sem vida, tudo abarco em meus pendores.

E veio a mulher, fecunda e divinal.
Pois sou o puro ventre de gestação.
O fundamento da vida original.
Pelo sopro de Deus, eu sou a razão.

Dou o lar: Desde as cavernas primitivas,
às hodiernas habitações que acobertam.
Dou as fontes, para sanar sedes vivas.
Sou a senda dos suores, que despertam.

Tudo brota do meu ventre desposado.
A videira, a gleba, até a própria taça.
E a mim, tudo volta, sem vida, ensecado.
A vida na morte, em meu seio entrelaça.

Sou a mãe que fomenta os filhos da terra.
O sustento que farta, a veste que cobre.
O berço de toda vida que se encerra.
Eu sou a terra, a esfera azul: Eu sou nobre!

No asilo

É na velhice! Lágrimas cansadas ...
Como uma taça de suor pungida.
Rugas doridas às sendas da vida.
Sangue vencido às penosas jornadas.

É o crepúsculo! Adormece os sentidos ...
Vem lentamente amordaçando a vida.
Como a lua entre as nuvens escondida.
Sem brilho engole os ecos dos gemidos.

Cai no asilo! No silêncio da sombra ...
Pranteia triste à sequiosa semente.
O filho que não veio, o sangue ausente.
Pendido coração que a morte assombra.

Pranteia à morna voz amolecida;
Aos aromas de família esquecidos;
Ao amor dos frutos apodrecidos;
À dor do asilo, na alma indefinida.

Como o vento a sacudir a paineira,
ressequida e sem viço, já sem cores.
Desfolha as últimas cheirosas flores,
à leiva onde dormirá, na canseira.

Cerra os olhos vidrados e sonhando,
com a campa e uma lágrima sentida.
De um ente do sangue, à sua partida.
Tênuê de solidão ... Sumiu ... Chorando!

Temporal

Taça transbordante às nuvens alçadas,
que lava o chão, que roça os panteões.
Só não lava as doridas ilusões.
Só não apaga as chagas abrasadas.

Exaure o temporal, mas deixa o frio.
Que mirra as tênues pétalas das flores.
Só não mirra do peito aflito as dores.
Só não gela da alma o fogo bravio.

Vai-se o temporal, fica a aluvião.
Que carrega as flores, agita o mar.
Só não carrega as vagas do pesar.
Só não exime do sangue um tormento.

Mas ficam os nimbos de brisas pálidas,
no plúmbeo céu, escurecendo o mundo.
Vem trazendo agonia ao moribundo,
embebido das cidades inválidas

E da torrente a névoa se levanta.
Faminta sonhando com o arrebol.
Fitando a abóbada, querendo o sol.
Dorme nas nuvens que o vento balança.

Se esconde a estrela, desvairando o céu,
que luzia às chagas do desabrigo.
É senda que esconde o reluz amigo.
Ficou solidão nas sombras do véu.

A aluvião da lagoa incha a campina.
Às flores silvestres, mostra seu lodo.
Lava as pétalas com o seu engodo.
Leva o perfume, e as deixa a ruína.

Nos telhados a chuva é fresquidão,
mas o sono do silêncio descora.
Aos seios nus, o coração devora,
na tremente casa de solidão.

A ferida da alma

Transparente qual ventania assolando.
Silenciosa qual vela se consumindo.
Assim é, a ferida da alma queimando.
Como uma úlcera invisível exaurindo.

É úlcera invisível ardente no seio.
Que faz à dor a visão enegrecer.
E a boca cerrar embebida de enleio.
E o coração desmaiar e estermecer.

É arrebol que fenecendo à última luz,
alça a erma noite, libertando os gemidos.
Na réstia da morte, no afogo da cruz,
e deliram sem voz os sonhos tolhidos.

É canto exausto de uma alma, ecos doridos.
Às vagas do vento, buscando em outra alma,
fartar-se em belos lábios umedecidos,
do puro néctar de amor, buscando a calma.

E no assomo dos gemidos sensitivos,
afoga-se o peito às tristes melodias.
É a ferida da alma, com vurmos ativos,
que arde, queima, às internas ânsias sombrias.

Na noite saudosa aspergida por sangue,
na escura caverna às entranhas do ser.
Solidão, de joelhos, um sonho tão languê,
o régio sol e a alma nua sem se ver.

Imagem íntima

Era tão fria a noite: E tu dormias!
E minha alma vagava às cercanias,
do céu que tu suspiravas sonhando.
E meu coração amarrado estava.
Aos portais do teu céu, te venerava.
Com meus frutos na mão, te revelando.

Sonhavas! Um crepúsculo luzente,
sobre a lagoa dourada manente.
E eu, banhava-me à réstia do luar,
que no zênite despida açoitava,
o meu coração, que no amor cismava.
Qual flor ao relento a se desfolhar.

Distante, mas no meu seio encontravas.
Que eras um sol, que o meu frio aquecavas.
Tua linda imagem, empírea e nua,
dizia a ideal beleza sensível,
que em minha alma, luzia o impossível.
Pois o amor leva além da pedra crua!

Tens no meu seio um templo que te embuça.
E um altar que o meu sino se debruça.
Em que luz no céu tua alma flutua?
Como o ledo arrebol que encanta os ares,
guardando os últimos raios solares.
É flamejante em mim, a imagem tua.

Sonho ainda

Qual pirilampo que à noite reluz,
mesmo tênue, impávido ao breu voraz.
Que eu voe desta descorada luz,
dos meus sonhos, eu brilhe ao breu audaz.

Porque um só que findasse ao revolto ar,
seria a noite mais bravia e escura.
Frios sonhos como orvalho ao luar,
sugado à seiva em mirrada fulgura

E na cegueira da noite sem lume,
consente-se um delírio o coração.
Nas cinzas dos sonhos sente um perfume,
de uma réstia de amor na viração.

Meu peito nu, sem mantilha enlanguesce.
Como as mirradas flores das ermidas.
De joelhos, à luz dos círios que aquece,
busco o calor, às dores escondidas.

E dormito em meu retiro aventando,
nas cavernas das entranhas do peito.
E eu ouço as secretas vozes soando,
verbos das páginas da vida afeito.

Sinto um soluçar... a minha alma chora!
Lágrimas perdidas que se evaporam.
Subindo ao céu que mais triste descora.
São gotas rotas à face, que assolam.

Como o pirilampo, que ao breu reluz.
Deixe eu sonhar no horto do coração.
Mesmo entre espinhos que à leiva seduz.
E fazendo arquejante a pulsação.

O meu sangue é o puro extrato do amor,
que o condão do poeta diviniza.
Nas veias e artérias correm calor,
e sonha o coração, que o simboliza.

Como a Fênix

Ai, Deus! ... que o coração se agita,
com cicatrizes pensativas.
Hauridas fazem a alma aflita,
mudas às taças sensitivas.

Se o amor insuflou meu peito,
num longo suspiro de aragem.
Que eu sorva a fresquidão no leito,
tal como sorve a flor selvagem.

Sepulto nas cinzas meus sonhos.
Mas como a fênix renascem.
Vôo pelos ares estranhos.
Outras flores vendo que nascem.

Se eu reclinei às taças de ouro,
cheias de perfume de Deus.
Que eu respire deste tesouro,
qual respiram os anjos seus.

Que por um perfume perdido,
do flamante céu que acalenta.
Que eu possa alçar, mesmo dorido,
como a fênix suarenta.

Os sonhos começam ao léu,
onde a densa terra termina.
O amor, onde começa o céu,
inundado de luz divina.

Uma Criança Atingida

Tão funesto o morro, onde os sangues vagueiam.
E ao breu brinca insonte um anjinho de Deus.
Fita as flores onde os chumbos incendeiam.
Que adorna o adusto chão os sonhos seus.
Nestas cinzas convulsas, que brinca e dança.
Com as réstias do céu, é alheia à matança.

Que morro tão rubro, e estampidos bravios.
Tremem os mudos, choram mães e crianças.
Noite e dia, chumbos riscam céus sombrios.
Úmidas de lágrimas sem esperanças.
Mas brinca o anjinho, na sua pujança.
Com os chumbos em vão, é alheia à matança!

E o fumo das armas que a neblina aquece.
Condensa nas faces em telas de dor.
Abafa, o fogo cruzado que enlanguesce.
Suarentos deliram, tremem em palor.
...seu corpinho caiu, cessou a esperança.
...seu coração gelou, mais um na matança.

E no último hálito gemeu e apagou.
Ao rubro projétil no peito dorido.
Inerte ao chão de sangue, os olhos fechou.
Nem por um colo de mãe, foi protegido.
...e apagou, dormiu! ... no meio da lambança.
Para o céu voou, foi mais um na matança.

Consumindo-se de amor

Não chores! Por que o teu chorar?
Nos prantos quanta alma se escoá,
quando a brisa em teu seio entoa,
antigas canções de ninar.

São as despidas melodias,
das fibras do meu coração.
E que em torrentes de emoção,
vibram de amor, em harmonias.

Não chores! Como a flor cortada,
que derrama em seu ramo a seiva.
Pois a brisa debruça à leiva,
secando a fissura inflamada.

São os sussurros de anelar,
da erupção do amor que te voto.
Meu onírico céu denoto,
nos desfolhos do meu olhar.

Não chores! Por seio mirrado.
Se o teu fruto não alimenta.
Do céu o maná te fomenta,
pois do hausto bendito é enviado.

São ledos fluidos que evaporam.
São emanações do meu ser.
Centelhas ao bom reviver.
Dou-me ... alma e corpo ... a ti consolam!

A cripta

De cor plúmbea a cripta sempre parece.
As cruzes secas são qual panteões.
Despojos e resquícios de paixões.
E mirra o sopro, tudo se apodrece.

É casa soturna dos olvidados,
e nela o corpo seco irá jazer.
Pela compunção, refrega, viver,
neste mar de dores dos encarnados.

Vêm os viventes que a terra maldizem,
da cripta pelo seu cheiro que exala.
Lívidos que a voraz terra avassala.
- lodo também seremos. Frios, dizem...

Jaz um corpo na terra hiante e fria.
De quem no rastro do prazer bebera.
Que à tez sensível lasciva vivera.
Hoje é mirrado o sangue, sem orgia.

Todas as sedes e fomes fenecem.
Estatua inerte de terra adornada,
faminta toda lascívia é sugada.
Seca o seio, os sussurros emudecem.

Morrer! ... libertar a alma do cativo.
Sorver a carne, apagar os sentidos.
A boca ressequida, sem gemidos.
Vermes tragam, o outrora corpo altivo;

Tragam o falo alvo, e o falo esquálido;
Seios da virgem e da meretriz;
Todos os sonhos deste mundo vis!
Ao pó retorna, o corpo que era cálido.

A grande luz que em nós deve luzir.
É saber, não ser um corpo em torpor.
Pensar em ser o corpo, abarca a dor,
ao horror da decomposição vir.

Mais que um frio corpo na escuridão,
há uma centelha que jamais se apaga.
Fina luz, do espírito se propaga.
Livre do peso voa à imensidão.

O corpo tomba, o espírito voa.
Vai procurar sua paz almejada.
Deixa a terra, o louro, a mão calejada.
Pois o amor praticado é uma coroa.

Às vagas

Insone à frente orvalhada,
que enlanguesce o coração.
Treme o sangue à tez gelada,
com lábios de solidão.

Nuta um grito aprisionado,
nas grutas do coração.
Qual cárcere mais fechado,
que as celas da solidão?

Nas névoas do meu sonhar,
paio nos ventos do amor.
Dentro do peito a roçar,
formando versos de dor.

E cisma minha alma alada,
com asas de ouro lustral.
Vendo a imagem impregnada,
mas em minha alma é real.

À noite, dorme em seu leito,
e eu alçado às ventanias.
Mas nívea trago-a em meu peito.
em melífluas fantasias.

E no oco do meu seio alça,
nos ecos, a ebriedade.
Blasfemo à dor que realça,
solidão sem piedade.

Minha aflita alma afogada,
nos ecos dos meus gemidos.
E cisma a taça quebrada!
Bebe os pedaços reunidos.

Seus olhos em mel, dormindo,
quicá um sol, um céu sonhando.
E aqui estou insone haurindo,
ecos do seio, suando.

Meu anjo, que Deus criou.
No altar de luz, encantado.
De ignoto hálito insuflou,
seu espírito dourado.

Quisera sua alma alada,
livre do corpo, dormindo.
Que sonhasse extasiada,
com minha imagem sorrindo!

Que noite, que céu está,
com sua alma em liberdade?
Que luz, que céu lhe dará.
A sua felicidade?

Oh flor, que perfume ao vento,
lembra você ... e me embriago!
Oh doce olor, meu unguento,
à minh'alma traz o afago.

Tênue é minha liberdade,
mas a Deus peço: Seu ar!
E um futuro de verdade,
para nunca mais vagar.

A partida

Dourava a irmãzinha insonte,
que brincava aos pés do monte.
Num lago de águas escuras,
aos cantos das saracuras.

E sequiosa a mãe que a amava,
a ela arquejante falava:
-Crianzinha ... enleva não,
canta aquém, ao coração!

Puro bálsamo guardada,
no seio da mãe amada.
Pois do lago o nevoeiro,
era um manto traiçoeiro.

Que trouxe à terra alegria ...
De alma afeita em simpatia...
Com seu hálito de amor,
como a brisa de uma flor.

Toda feita bonequinha,
de hálito de princesinha.
Cabelinhos cacheados,
qual o sol, eram dourados.

Com olhos de anjos alados,
viam um céu, encantados! ...
No êxtase daquele enleio,
no sonho daquele seio.

Do jardim era uma flor,
que eu brincava com amor.
Na lama, ao pó, no carvão,
eu pegava a sua mão.

E o pirilampo que via,
era ao breu feio e temia.
Do estranho ser eu cuidava.
Oh, meu Deus! ... como eu a amava!

Presentia a luz do céu,
a abarcá-la como um véu.
Tenros lábios que entreabria,
mas insonte, só sorria.

E como um raio em furor,
entre o colibri e a flor.
O anjo dos raios de Deus,
levou-a nos braços seus.

Eis, um dia a mãe chamou,
e do lago não voltou!
-O que terá acontecido,
para não ter respondido?

E pobre mãe, que chorando,
sobre as águas procurando.
Aconteceu! ... eis deitada.
Lábios sem vida, afogada!

Mãe de face desmaiada,
tremescentes lábios, mirrada.
Abraçou-a em seu torpor.
-Ai meu Deus! ... ai, quanta dor!

Alva face como a lua.
No céu, novo anjo flutua.
-Ai meu Deus! ... ai, quanta dor,
cortaram a minha flor!

Qual criança que dormia,
sob a abóbada jazia!
Dormiu neste chão imundo,
para acordar no outro mundo.

Vê-la alva sobre o caixão,
fria, explodia emoção!
-Ai ... que dor ... sobre o altar!
-Ai ... se pudesse voltar!

Tão pálida a mãe chorou.
Tenro ser à luz voou.
Tornou-se uma estrela amada,
no céu, fina luz dourada.

Seu corpinho ao chão dormia,
mas no céu com Deus sorria.
-Mãe, irmãos, não chorem ... não!
Deus segura a minha mão!

Findou no luzir dos círios,
a flor no afã dos delírios.
Partiu ... benzinho! Partiu!
Eu sei ... foi Deus, quem pediu!

Pranteou triste o cãozinho,
farejando o pó, sozinho.
Uivava da noite ao dia,
àquela ... foi ... quem sorria.

Deitou-se no último leito,
de água a inundar o seu peito.
A luz da nova aliança,
levou a linda criança.

Agora é um anjo de luz.
Uma estrela que reluz.
Cheia de céu e de lume,
exalando o seu perfume.

Irmã Nelci Teresinha.
No céu, é uma princesinha.
Banhada de paz e luz,
Aos pés de Deus e Jesus.

A partida II

No arrebol do sol se por,
uma criança morreu.
De tristeza o sol, e em dor,
numa nuvem se escondeu.

Triste a nuvem pranteou,
e a terra deixou molhada.
Plúmbea e insana se tornou.
Gemia à noite gelada.

Com cabelos tão lindinhos,
com uma rosa enfeitada.
Amparada dos anjinhos,
assim fora sepultada.

Tinha melena dourada,
cacheada qual anjinho.
Íris cerúlea encantada,
que luzia amor ... carinho!

De sorriso em harmonias,
tinha música de lira.
Consonantes alegrias,
a mais alva que se vira.

E suspirava ... e dormia,
linda na paz da mãezinha.
E despertava ... e sorria.
Era linda criancinha!

-Tu deixaras quanta dor,
que sem vida ao chão caístes.
Qual cai a cortada flor,
roubada a vida tu vistes.

-Da mãezinha sobre o seio,
tu tomaste pouco leite.
Embalada, era o anseio,
o teu néctar com deleite.

-Tenra idade tu partiste,
como as flores das figueiras.
Murchas, vão à leiva triste,
deixam frutos nas rameiras.

-De frescor da viração,
quando foste para o céu.
Pó tornou-me o coração,
embalsamado num fel.

Onde fora sepultada,
junto à lápide no chão.
Fora uma rosa plantada,
à sua alma em intenção.

Leda a roseira cresceu.
Saiu a primeira flor.
Serena ela apareceu,
qual a melena, era a cor.

Porém não se imaginava,
a rosa não se esquecia.
Para o céu sempre fitava,
qual criança que jazia.

Aquém, Deus! ... é grande a dor.
Noites e dias passaram.
Não importa, meu amor ...
as lembranças me abarcaram!

-Deus te guarde meu anjinho,
dentro do Seu coração.
E lá, vejas meu carinho,
que voto com emoção.

-Tua imagem sempre vejo,
lá nas nuvens embalada.
E daqui te jogo um beijo,
na tua face encantada.

Acima de tudo

As nuvens são véus da natureza,
que embuçam banhadas de luar.
E dormem na ardência do mar,
bailando às vagas com sutileza.

E as virações sobre as vagas gemem,
quando roçam a espuma flamante.
E ecoam na triste ilha distante,
como beijos que queimam e tremem.

Amo o ouro da lagoa dourada,
de réstia de sol e espuma nua.
Com nenúfares à luz da lua,
que sonham na água a sua florada.

Amo o rosicler que cinge os montes,
do crepúsculo que chora à tarde.
E as aves silvestres em alarde,
chamam a noite em cantos insontes.

E o céu negro alça o cosmo divino.
De miríades de astros brilhantes.
Como uma coroa de diamantes.
Do mestre salvador peregrino.

E quando a luz do sol a brilhar,
alçada beija com alegria,
as gélidas lágrimas do ar.
Surge um arco-íris em harmonia.

Criação! Fascina aos olhos meus.
Repleta de mistério profundo.
Porém mais que o deslumbre do mundo,
fascina-me a perfeição de Deus.

Quando te vejo

Ao ver-te, minha alma devaneia.
Que hálito puro! Oh, filha de Deus!
E no meu peito o sangue incendeia,
para aquecer-te nos braços meus.

Vejo-te com face de luar.
Tão nívea, ascendes ao céu luzente.
Prazo ao breu, tua luz a aspirar.
E luzir minha alma transparente.

E aos suspiros do meu coração,
com as cândidas formas alçando.
Porque pouso a minha devoção,
e arde minhas pálpebras sonhando.

Se este meu cântico tenho ardente,
é por ti que minha alma enternece.
No peito nuta o coração quente.
Ao ver-te minha alma resplandece.

Se quiseras ser a única flor,
no jardim do meu peito a aromar.
Votaria minha alma em furor,
para tuas pétalas cuidar.

Se quiseras deitar no meu peito,
do sonho da noite amanhecer.
Sentirias que o olor do meu leito,
é do meu sangue, de amor, ferver.

Se aspiraras deste ar do meu peito,
sentirias o aroma do amor;
De minha alma, o divino conceito;
do meu sangue, o divino calor.

Se névea viesses em minha senda,
sentir o olor de todas as flores.
Nas matas, verias que desvenda,
mil pétalas em festas de cores.

Lágrimas íntimas

De alma alada às vagas da fantasia,
eu me vesti do ouro dos sonhos teus.
No asilo do silêncio dos desertos,
sem sombras, estava lá o teu calor.
Ao fitar os mistérios das estrelas,
cintilavam a luz dos olhos teus.
Ao reclinar o peito adormecido,
era em teu colo um sonho de menino.
Ao vagar jardins floridos, meu lume,
exalava o néctar do teu perfume.

Virgem fada, lira nívea de amor.
De árias doces ao sol das primaveras.
Por teu hálito deitei nos espinhos,
me feri, no exílio do teu suspiro.
Eu vi meu sangue escorrer pelas mãos,
lágrimas do meu sonho desmaiado.
Orvalhou meu coração que gemia.
Pobre! Pobre coração! Que sentia.

Que voto ditosa onda do meu peito,
é uma coroa dos círios nas aras.
Quisera saberes que do meu peito,
exalo íntimos ecos da minha alma.
Não sabes! Que te daria meu sangue.
Em tua alva alma cheirosa dos anjos,
fundiria minha alma de esperança.
Dos lábios teus, beberia o licor.
Nos teus seios, morreria de amor.

As mãos

Oh, mãos cálidas do violeiro.
Hábeis nas cordas do violão.
Às crianças tocam no terreiro,
infestas, negam depois o pão.

As mãos que tocam uma canção,
muitas vezes empunham a espada,
e ferem as vísceras do irmão.
Querem tudo, e não dão quase nada.

Malditas, daquele traiçoeiro!
Venderam Cristo por ambição.
Mas foram as mesmas do santeiro,
que vis pegaram do mesmo pão.

De luz ou de trevas o pendão.
Que mostram as pétalas das flores,
também o acúleo no coração.
Dão afago, também dão as dores.

Trabalham e fazem ilusões.
Trazendo da alma o que desabrocha.
Luz ou as trevas, em explosões.
Peito de carne, ou peito de rocha

Mãos sacratíssimas de Jesus.
Da fonte Divina, a água mais pura.
Que venceram os cravos da cruz.
Santíssimas e cheias de alvura.

Um poeta morto

Quando o poeta morreu,
pôs-se a menina a sonhar.
Lange olhar ao céu ergueu,
queria vê-lo no ar.

Na dor do seu coração,
qual um punhal inimigo.
Nas asas de uma oração,
buscava o seguro abrigo.

De olhos rubros e orvalhados,
e suarenta mão tremente.
Fechou os olhos vidrados,
do seu poeta jacente.

Pálida a menina ao léu,
molhou-se toda em chorar.
Queria alar para o céu;
Queria a ele reencontrar.

Era um raio peregrino,
que as negras nuvens luziu.
Na luz de um anjo divino,
para o céu ele partiu.

Tinha uns olhos que sonhavam,
com uma estrela manente;
E lágrimas que brotavam,
de sua alma transparente.

Era um poeta que amava,
que uma fada o inspirou;
Era uma alma que voava,
e que ao céu ele voou.

Quando o poeta acordou,
no céu viveu seu sonhar.
Um anjo, água lhe ofertou,
e em luz fê-lo voitar.

Peito dorido do exílio,
do chão pisado levou.
Mas teve na água o auxílio.
E nova, a alma despertou.

E de poesia sedento,
ledo sorveu de Deus o hálito.
Foi na alma, um sopro de alento.
Novo porvir, e novo hábito.

O Vai e vem

O pêndulo do relógio vai e vem,
mas o tempo só vai, a volta não tem.
Embalados os ponteiros vão também,
por altos acolá e por baixos aquém.

A dor da minha saudade vai e vem.
Pois o tempo se foi, a volta não tem.
À vereda da vida, passo também,
por montes acolá, alabastros aquém.

O sorriso da foto não vai nem vem.
Pois para quem jazeu, a volta não tem.
Sob o tempo a foto envelhece também.
Se tinha brilho acolá, é opaca aquém.

Meu carro não sei se vai, não sei se vem.
Mas a estrada só vai, a volta não tem.
Pelos aclives ele sofre também.
Se era bravio acolá, é lânguido aquém.

A nuvem não sei se vai, não sei se vem.
Mas a chuva só cai, a volta não tem.
Sob as torrentes, a flor mirra também.
De viçosa acolá, é desfolhada aquém.

A vaga não sei se vai, não sei se vem.
Mas o mar é faminto, a volta não tem.
Engole o luar, o naufrago também.
Se bailava acolá, é mais faminto aquém.

Lágrimas da volúpia

(esta poesia faz parte da série composta aos 20 anos)

Como a abelha que busca o doce da flor,
tu querias, menina, o néctar real.
Lasciva, esfolhas delírio sensorial,
do teu seio quente, sedento de amor.

Nesta peçonhenta árvore de utopia,
nos ramos tem frutos: Querias provar!
E tão pálida, ficavas a arquejar,
pelo novo sentimento que surgia.

A flor do seio que cheirava à inocência,
sentiam os tiranos, pela pureza.
Que os inebriava por tanta beleza.
Lobos mimosos cordeiros na aparência.

O conceito vês do teu ventre sem vida,
na ponta de uma pinça, dilacerado.
Negaras à volúpia ... eis teu pecado!
Retalhos de carne de uma alma partida.

Engolir a primeira respiração?
-Negaras meu ar! Negaras meus pendores.
-Nascer! Indefeso como as belas flores.
-Meu primeiro berço foi o frio chão.

-Adeus, anjinho adeus! Menina pranteias.
Com dorido peito de arrependimento.
Pelo filho do ventre atirado ao vento.
Comeste do fruto, lasciva a alma, enleias.

De joelhos à cruz suplicas um perdão,
exalando o amargor da alma encarcerada.
Que pela insana sede foste enganada.
Explode do teu seio, sofreguidão.

Que triste lágrima que te orvalha a face.
Sonhas sozinha com o anjo que partiu.
Nos braços falta a estrela que não luziu.
Choras teus segredos, deste desenlace.

Dormes e sonhas com teu filho no céu.
De face tão limpa, cheirando a jasmim;
Com cerúleo manto, insonte num jardim.
Inconsolada agora choras ao léu!

O Pântano

Oh pântano, que relva orvalhada!
Cuja névoa descanso o meu peito.
Tão macia, de lama molhada,
e que dorme só o meu sonho afeito.

Condensa nas sombras a indolência,
e no corpo modorra das dores.
E eu, embalsamado à inocência,
olhando as gotículas das flores.

E choveu no pântano. Eis nas flores,
as gotas que ainda não caíram.
Eis-me pálido, oh álbum das cores,
que as lágrimas nos olhos dormiram.

Choveu no pântano, o vento canta,
e oscila o pássaro no seu ninho.
Roça os ramos e a seiva se espanta,
fere o fruto, na ponta do espinho.

Oh pântano, imagem de minha alma,
ebriosa de minha amargura.
Na cisma de medos e sem calma,
só no seio da relva à loucura.

Princesinha

Na verde campina que a flor perfuma,
deleito os olhos! Que palco de Deus!
Que tarde tão bela, maviosa bruma,
hálito da relva nos olhos meus.
Gorjeia o jaó!
Por que triste assim?
No ninho tem dó,
pranteia por mim?
Não pranteia só,
pranteio também!
Nós dois neste pó,
lembramos alguém.
A campina é grande e a noite é bravia.
Gela o peito, palpita de emoção.
Minha lágrima cai à relva fria.
Mas brotam outras, no meu coração.

Eu lembro do zéfiro a balançar,
as melenas da minha princesinha.
Num jardim, ao relento a passear.
E cintilava linda uma estrelinha.
Estava tão linda,
com olhos brilhantes.
Eu me lembro ainda,
dos beijos de amantes.
Pranteia o jaó.
Eu sofro também,
por estar tão só,
lembrando de alguém.
O orvalho no rosto a brisa à levar.

Seu rosto tão lindo qual porcelana.
A boca macia, os lábios roçar.
Cálida lembrança em meu peito inflama!

Deitava na relva olhando o luar.
Seu corpo alvo qual neve que encantava.
Com longos suspiros, a tez suar,
voava ao céu, e com anjos estava.
Que sonho tão lindo,
sonhava ao luar.
Queria sorrindo,
no seu sonho estar.
E voa o jaó,
nas vagas ao léu.
Também tenho um nó,
lembrando de um céu.
Cantava no peito o seu coração,
seus olhos refletiam o luar.
O anjo amigo fazia uma oração,
à princesinha, a Deus abençoar.

Surgia o orvalho, o seu corpo a banhar.
Curvas belas às flores do jardim.
Mais bela rosa à relva a perfumar,
queria um céu esperando por mim.
Jaó, voa à flor!
Não pranteie assim.
Vá achar seu amor,
que eu vou ao jardim.
Vai buscar à flor,
seu amor sem fim.

Buscar meu amor,
eu vou ao jardim.
Princesinha, que lindo o nosso céu.
É mais brilhante juntos o luar.
Voaremos juntos num novo véu,
às alturas de Deus, juntos a amar.

Quando eu morrer

Como as pedras atadas ao leito do rio,
desgastam-se para às águas dar direção.
Roçadas pelo açoite do rebentar frio.
Tão impávidas ao leito sem coração.

Assim, desgasta-se também meu tênue corpo,
para dar a direção à minha alma alada.
Entre os espinheiros loucos deste meu horto,
veste a aguda coroa de ramos mirrada.

Como caem as folhas da árvore dorida.
Com a seiva morta, jogadas pelo vento,
à leiva, com os galhos sem fruto e sem vida.
E perdem as cores, sem perfume ao relento.

Assim lentamente cai meu corpo cansado,
pelas lições no seio das sendas sofridas.
Desfolha-se ao exaurir do sangue esmagado,
para esculpir na alma as virtudes aprendidas.

Se a terra é adorada, também provação.
Eflúvios vaporosos cegam os sentidos.
Se fogo sai dos lábios, vem do coração.
Gemidos se espalham pelos ventos perdidos.

Mas no coração da alma que a luz irradia,
dos infinitos sóis do universo infinito.
Quando desterrar do chão da terra sombria,
terei meu galardão que merecer, bendito.

No pó da necrópole o corpo deixarei.
Um dia, na azáfama e sem força, exaurido!
Não me procurem no pó, lá não estarei!
O espírito levado será, a um céu florido.

Canto do poeta profeta

Invejo o sândalo quando ferido,
que emana perfume mesmo sofrendo,
ungindo o tosco machado.
Perdão meu Deus! ... tanto rogo pedido.
Ao sangue do coração escorrendo.
Meu véu tornando manchado.

Se chorarão sonhos de desventuras,
degredados aos nimbos do porvir.
Chorarão num leito frio.
E temente dos raios de amarguras,
pelos olhos que deixaram dormir.
Presente-se um ai, sombrio.

De pão e de perdão, Deus! ... quanta fome!
E de balde refrega em busca de ouro,
neste mundo de ilusão.
Seres crassos sem coração, sem nome,
que os conforta uma coroa de louro,
à cabeça em confusão.

Da ciência, suarentos neurônios criam,
rubras rosas de fogo, e coloridas,
pólen de fótons que amargam.
Bombas que explodem sonhos! Mas não viram,
que mirra o mundo, abrem novas feridas,
e os gritos aos céus se alargam.

Se florescia a rosa transtornada,
numa explosão horrenda e tão temida.
Do mundo, o palco escurece;

Desintegra a vida, a cena é mudada;
Não será a primavera mais florida;
Varrerá um vento, que aquece.

A natureza em febre, tudo morre;
Triste a donzela finda ainda sonhando,
à Terra nua em palor;
Ferve os rios qual a lava que escorre.
Artérias inflamadas exalando,
névoas quentes de pavor.

Por que Deus, os frutos não se suportam,
roçam-se nos espinhos peçonhentos,
se bebem da mesma seiva?
Uma hedionda glória bebem, se importam,
do sonho do mundo, touros visquentos.
Mas seguem à seca leiva!

De muitos o amor foi jogado às rocas,
qual flácido fruto ao seio avernal.
Sufocado sim! ... que pena!
Seguem as trevas à luz, negras trocas.
Amando um bezerro de ouro mortal.
No altar, o profano emblema.

Oh Deus! ... e quanta enfurecida crença,
dos profetas maus: Morte é o seu pendão!
Pelo intrínseco Deus: Guerra!
Quantos deuses criam em desavença,
à própria imagem vil e imperfeição.
E trazendo fogo à Terra!

Perdoai-nos, Deus! ... por nossa infame vaga.
Geração febril nesta Babilônia,
às orgias em fulgor.
Se é usado em Seu nome a ponta da espada,
para a água e sangue do irmão em insônia,
serem tragados no alor.

Oh! ... insones e xepeiros que em Deus crêem,
porém não acreditam em pecado,
nem acreditam no céu.
Loucos aos cântaros de ouro, não vêem,
luzir o espírito ao mórbido estado,
e morrem sem luz ao léu.

Morrem neste plano em palor sonhando,
ao seu último suspiro apegado.
Fica o ouro! ... ai, quanta dor?
Na nívea pátria em que se vai voando,
o divino ouro é o bem praticado,
luzindo com esplendor.

Será dores a taça do porvir,
se a fé no mundo for mirrada e pouca,
às negras sombras dos vícios.
Bebida será, inebriante há de vir,
farta de sangue e fel na terra louca.
Só levará aos precipícios.

Em qual universo ignoto está o céu.
De alvas nuvens, cerúleo manto em anjos,
louros alados brilhantes?
Paraíso, está escondido em que véu,
a luz da lira de ouro dos arcanjos,
com acordes tão calmantes?

Não está ao léu, tão longe o paraíso.
É no seio da alma que ele perfuma,
ao belo olor do jasmim.
Para sentir o perfume é preciso,
vencer o ouro, limpar a negra espuma,
que seca o nosso jardim.

Súplica

Fui visionário de muitos amores,
um senhor em paixão.
Aos céus ergui minhas mãos em louvores,
cantando uma oração.

Deus, tem pena de mim! Pobre xepreiro.
Que roga-lhe aos seus pés,
tanta mácula! E tanto nevoeiro,
do meu ser em revés.

Minha amada, tão bela, tão distante,
dos meus anos em dor.
-Quiseras brotar meu ar no semblante,
num suspiro de amor.

-Por que verias meus sonhos sangrar,
num suspiro de amor?
-Vota apenas meus cantos a soar,
do meu seio em furor.

Mil nuvens aparecem ofuscando,
a luz da nossa estrela.
Meu Deus! por que tantos ventos buscando,
de minha alma escondê-la?

O coração desmaia no meu peito,
qual tarde em agonia.
Meu Deus! por que a noite degreda o leite,
e blasfema à alma fria?

Eu queria acordar num céu com ela,
beber da taça ardente.
Cingida em mistérios, vê-la tão bela,
de alvo rosto atraente.

-Se tu souberas quanto ousei te amar,
que ornei-me em teu alvor.
Com cálidos lábios quero aquecer,
os teus lábios de amor.

-Dá-me um suspiro de amor! Eu tão pálido,
é por ti meu viver.
-Quando vir minha morte, quero cálido,
nos teus braços morrer.

Erraticidade

I - No leito

Dorme o corpo e solto o espírito voa.
Mas leva as amarras do sangue do peito.
A dor real é do espírito que entoa,
sobre o templo de carne lívido ao leito.

Alada ecoa à dor das lembranças mortas,
de febril passado que nunca existiu.
Das sementes ocas plantadas nas hortas,
sob a seca leiva, a flor não eclodiu.

Porque cisma e desterra com muita fome ...
a coagulada chaga que ocultei.
No meu presente, como frutos sem nome,
e do futuro, só sei que morrerei!

II - A vaga

Toda noite, afrouxa o cordão,
que anela o espírito ao chão.
E o corpo lívido, deitado,
no leito soturno, suado.
Cálido às entranhas da mente.
Deita ao fardo da cruz pendente.

Tremete ao véu na lucidez.
Voa o espírito outra vez.
Voa pela cidade estranha.
Ávido, de fluidos se banha.
Carne e espírito se separam,
real e irreal, se deparam.

E de noite voa suspenso.
Cair, o espírito é propenso.
Sobe à intimidade da luz,
ou à intimidade da cruz.
Palpita o coração sonhando,
do ar do espírito voando.

III – A volta

À carne o resto do léu volta,
e lenta a consciência revolta.
Às cavernas da mente abertas,
réstias de luz entram incertas.
Brigam o real e irreal,
em modorra assaz, léu virtual.

O espírito ao findar do sono,
do lívido corpo é o dono.
Impávido ao leito em paixão.
Tremendo de pisar no chão.
Fecha à chave os portais do peito,
para abrir no outro sono ao leito.

Volta às provas e expiações,
do meu corpo de imperfeições.
Roça as dores no coração,
às vagas das pedras do chão.
Arde em seu silêncio sombrio,
degreco do mundo bravio.

Tanto desejo

(esta poesia faz parte da série composta aos 20 anos)

Meu Deus! Ai, que tanto gemo,
às dores do coração.

Oh donzela, os ventos teus,
que me afagam, mas que tremo,
num suspiro de emoção.
Ai meu Deus!.

Porque! Dói meu coração.
Sem tua luz morreria,
sem paz, que a sombra não vê.
Que morte! Antes a paixão.
Mas sem ele eu deitaria.
Deus, por que?

Suportar! Este desejo.
Sentir a boca molhada,
languer em prazer a roçar.
Só réstia perdida vejo,
do teu beijo à tez suada.
Suportar?

Meu gemido! Peito frio.
Pudera ao vento vagar,
por um beijo teu perdido.
Do sabor, ter calafrio.
Eu morreria em teu mar!
Que gemido!

Perdão

Santo templo de carne, da alma errante.
Que cobrem com cinzas do coração.
Brados de bocas, qual ara anelante,
de aziaga prostituta em seu pendão.

E na pira dos impérios lutuosos,
esturra a tez do crânio que habita a alma.
Por fecundos profanos espantosos,
fogos que esmagam a carne sem calma.

Cinzas, cinzas ... lançam como vulcões,
cobrindo a lustral gruta em agonias,
dentro do peito em ardentes torrões.
Mendigos que estampam glórias sombrias.

Agoiram tempos em prantos e cruz,
que às ermas pálpebras cerradas mortas,
bramarão mordendo as trevas sem luz.
Arquejantes da dor das almas tortas.

Perdoemo-los ... Oh, serpentes dos lírios!
Sublime perdão, que atravessa a morte,
rasgando o véu como lume dos círios.
Que o anjo mostrará da campa o norte.

Perdão! É das flores da leiva ao chão,
a mais difícil de desabrochar.
E das caridades do coração,
a mais difícil de se praticar.

Se dormir e emurcheçar da alma a flor,
é prelúdio mau de tempos insanos.
O néctar engrinalda de torpor,
no vale dos prados, vagueiam danos.

Spleen transcendental

I-Spleen e eu

Nas letras mortas do spleen eu fui solto.
Vi plúmbeo o horizonte em minha mantilha.
Personagem das cinzas, já fui douto.
Degustei do spleen no meio de uma ilha.

Sobre às águas a sina é tenebrosa.
Cobre meu coração com a mortalha,
toda morta, toda crua e espantosa.
Cortam meu peito como uma navalha.

Querer fazer-se do universo o centro.
Subjetivismo do sol no luar.
Como pranteia o cisne, de água isento,
auto piedade da águia a sangrar.

Oh minha alma, às vagas do coração.
Entre ruínas e restaurações.
Como a lagarta chora à amputação,
para em dor, refazer-se em aflições.

Este pobre mundo é tudo ilusão!
Morrer a carne! Desfolhar as flores ...
É o desprender da alma de uma prisão,
de vinha sem mel nos vales das dores.

II O Spleen Sagrado

Spleen, antes de ser vil melancolia,
de uma alma são as mais íntimas dores.
Foi o suor de sangue que saía,
da tez de Cristo no Jardim, sem flores.

Foi a agonia da cruz no calvário,
aos cravos e acúleos na carne insonte.
Na alma, a dor pelo povo sanguinário,
embebido das águas de Caronte.

Foi a dor dos leprosos macilentos,
na solidão das catacumbas frias.
E na ânsia de luz, à terra suarentos,
agoniavam na alma às vagas sombrias.

Oh, Madalena! Que aos pés pranteava!
E de ebriosa boca dos vinhos cálidos.
Derramava o passado que a amargava,
querendo o perdão, dos lençóis esquálidos.

Oh, Judas Escariotes! Oh, que dita!
Vergada a árvore à corda do pesar.
À insídia da nua besta maldita,
bebeu sangue amargo, no se enforcar.

III Spleen personificado

Mal dos séculos, mal da humanidade.
Quisera aquecesse apenas o baço,
a chama, porém com ferocidade,
todo o corpo aquece com seu mormaço.

É o rosto do Quasímodo no espelho;
A lira de Nero em turvo declínio;
Na obra Moisés, a martelada ao joelho,
por Michelangelo no seu fascínio.

A Vênus de Milo em prantos sem braços;
A imagem na água, e Narciso a sonhar;
A fogueira da inquisição aos crassos,
que rubra ardia aos pecados queimar.

O sorriso ignoto de Mona Lisa;
Surdez de Beethoven à ária sentindo;
Ghandhi na busca da verdade à cisa,
de força, de alvura na alma luzindo.

É o canto do cisne às bordas da morte;
O horror de Nostradamus nas centúrias;
Tiradentes na inconfidência forte,
à força intrépido, ao pó das injúrias.

Fragmentos da fé

Com sangue do meu coração,
eu escrevo minhas poesias.
E de joelhos no altar, ao chão,
bebo águas limpas ou sombrias.

Se o dom de Deus eu recebi,
alado ao céu da inspiração.
Foi para ter do Édem aqui,
réstias de luz no coração.

Foi para cravar o Seu nome,
na árvore da infame serpente.
Desfolha-la à leiva com fome,
para a Sua Glória luzente.

Pintar de ouro os cravos da cruz,
e pô-los diante do trono.
E os santos louvando a Jesus,
abalando do céu o domo.

Atar no áureo cetro o sudário,
e hastear o pendão de amor.
No átrio do templo do Calvário,
para eternizar o louvor.

Prostrar-me à via da paixão.
Livro escrito com sangue e cruz,
do cordeiro da imolação.
Para alçar-me de Sua luz.

Ensinos da alma

A fome anemiza o sangue do peito;
A ignorância enevoa os raios da alma;
O egoísmo quer, desbrava sem calma;
O orgulho faz, ao seu próprio conceito.
O bem faz acima da indiferença,
quanto pode, da própria diferença.

A fome agride, do ventre as entranhas;
A ignorância anestesia os sentidos;
O egoísmo esquece os pães recebidos;
O orgulho condena nas próprias sanhas.
O bem acolhe as misérias doridas,
do corpo e da alma, secam as feridas.

A fome cria agonia real;
A ignorância ilude em sonhos de louros;
O egoísmo quer para si os ouros;
O orgulho ama a si qual fosse imortal.
O bem renuncia ao próprio deleite,
para todos beber do mesmo leite.

O faminto almeja a posse do pão;
O ignorante é vil à posse da paz;
O egoísta é conquistador loquaz;
O orgulhoso molesta sem perdão.
O bem dá de si o melhor maná,
que sacia a alma, que faminta está.

O faminto ecoa, mas visto é mudo;
O ignorante aparenta ter ciência;
O egoísta esconde a sua carência;

O orgulhoso pensa que sabe tudo.
O bem é o aprendizado infinito,
para a prática do bem mais bonito.

Para a fome, basta comer o pão;
Para a ignorância, banhar-se de luz;
Para o egoísmo, entregar-se à cruz;
Para o orgulho, suplicar o perdão.
Para o bem, dar luz, repartir o pão,
aliviar a cruz, e dar o perdão.

Face Oculta da Lua

Era eu: -À noite fria.
Que na viração tremia.
Dos sonhos da alma cismava.
Embebido e em palidez,
com meu sangue à tez,
sob o luar ... delirava.

Era noite: -Eu não dormia.
Por um céu eu morreria.
Como as desfolhadas flores,
ao frio vento de inverno.
Somente um luar fraterno,
no leito dos meus temores.

Quanto frio: -No luar.
Engolindo o prantear.
No afã, a alma consumia,
do coração que sonhava,
o acre licor que sangrava,
da solidão e agonia.

Oh oculta face da lua!
Qual céu ignoto flutua,
no teu luar do infinito?
Quisera minha alma aflita,
alada, voar bendita,
a este luar mais bonito.

Era eu: -Eu quem sonhava.
De amor meu ser suspirava.
Tão alvo o céu que eu queria,

José Luiz da Luz

num banho puro ao luar,
o puro néctar tomar,
da minha flor que luzia.

Virgem do além

Era virgem como a flor intocada;
De sonhos alvos à brisa de sal,
das vagas do mar, na areia molhada;
Face de carmim e olhos de cristal.

De alma adornada das flores do altar;
Perfumada ao turíbulo de mel;
Pura como a primeira água a sangrar,
da fonte escondida em fluidos de céu.

Virgem branca, de véu toda vestida;
Virgem de alma, no ser, nos pensamentos.
Para o mundo profano adormecida,
como a luz dos círios longe dos ventos.

Jaz no leito de mármore luzindo.
Levou as delícias do amor divino.
Noiva em véu de virgem, partiu sorrindo.
Aspergida pela essência de um hino.

Calou-se os sonhos ... que a terra não viu!
Na campa a voz do silêncio dorida.
Lábios mortos, volúpias não sentiu.
Desvendará o coração na outra vida.

Desmaia de amor, no hálito que sela.
Na campa o noivo chora à flor cortada.
Quem em silêncio sonha os beijos dela,
ouvindo a voz do silêncio gelada.

É tarde, Deus! ... oh, pobre moribundo!
Com a virgem sua estrela morreu.
Devora-se em desejos do outro mundo,
na morte viver, o que não viveu.

Anjos das primaveras

As floradas são os anjos do céu,
que se deleitam em divinas cores.
Em festa de maná e taças de mel,
de alvas vestes setiformes das flores.

As pétalas são leitões de ternuras,
que os anjos dormem e sonham sorrindo.
Embalados aos ventos de venturas,
expandem o brilho do céu, tão lindo!

O olor que exala das flores é o hálito,
dos cantos dos anjos, e liras de ouro.
Os peregrinos louvores são um hábito,
à Deus no céu de luz, que é o seu tesouro.

Quando o colibri voa sobre a flor,
suspira os ventos dos filhos de Deus.
E os anjinhos beijam-no com amor,
e brilham as plumas, aos brilhos seus.

Anjos que os segredos velam do céu,
tendo as chaves da aliança da outra vida.
Sussurram cantatas doces de mel,
e águas de bálsamo, à vida dorida.

E aos mistérios da morte macilenta,
ofertam pendões de amor e de luz.
E imoladas flores à campa atenta.
E rasgam o véu do templo da cruz.

José Luiz da Luz

Aventa a florada à liça do mundo.
E os anjos assistem à turba humana.
Semente fecunda no charco imundo,
rogam a Deus, à semente profana.

A rosa

(esta poesia faz parte da série composta aos 20 anos)

Cismava meu Deus, minha alma à morte.
E as lágrimas de uma rosa triste.
Não corta a rosa, porém, que diste.
Deixa à vida lembrar minha sorte.

Com a minha alma sequiosa eu tenho,
sede da água que em taças bebi.
Taças de amor que insano tolhi.
E nadar no teu mistério, venho!

Rosa, de olor do céu impregnada!
Abarca-me às páginas de dor.
De feridas mãos, lutas de amor,
tênues com minha espada quebrada.

Tenho sim, no peito que delira,
sangue do coração desmaiado.
Na soturna caverna impregnado,
do teu vento, que na alma caíra.

À noite eu vago em muitas venturas,
levando minhas lendas de amor.
Nos rebentos, me assola o torpor,
do sangue, exalando desventuras.

-Oh Rosa! Se ouviras ao relento,
como as flores silvestres nos montes,
nas brisas, meus gemidos insontes ...
Puderás ver meu leito suarento.

José Luiz da Luz

O meu desejo é mais fervoroso,
ao gemer da noite, à solidão.
Ouvindo o vento na escuridão.
Não dorme, meu sonho, vaporoso.

O sonhador

Por que choras, sonhador? Tão pálido!
O teu labor na face suarenta,
passeia intrínseco luto esqualido.
Tisne cinza do peito sedenta.

O que sentes, sonhador? Tão só!
E se espreitas o ego enlouquecido,
por tuas escravidões ao pó.
Vês sombra dos amores, tolhido.

Na escravidão, desejo respiras,
mas na alma a censura açoita o peito.
Às vagas do mundo vil suspiras,
e sofres, pensador ... no teu leito!

Nas ondas da tua maré enchente,
deliras à ardentia das dores.
Olhos espraia ao sol fervente,
nas escumadas ondas de amores.

O que vês sonhador, no teu mar?
Além do horizonte o arrebol,
com raios divinos a encantar.
Festa de luzes, ecos do sol.

Abandonas como uma águia em prantos,
aos cantos da lira à morte fria.
Abandonas, tremes dos espantos,
a ti mesmo, pranteia à agonia.

Seara

Sonhamos! ... que amanhã serão perdidas.
Morrerão no último suspiro, as dores.
Afeitos sonhos e ilusões doridas.
Fenecem com o corpo junto às flores.

As próprias flores contam uma história.
De floradas em néctar e perfume,
mirrada a seiva, imolada à memória.
Murcham junto aos círios de tênue lume.

Murchar! Secura no sangue e na seiva!
Ademais sentir mútua dor parecem.
Flácido carmim, à sombra da leiva,
no ventre da terra desaparecem.

E com a alma nívea, morrer de amor.
Levando no último suspiro os frutos,
da seara da vida de labor.
Do meio do joio dos campos brutos.

Cerrar as pálpebras para este mundo,
para a divinal luz na alma acender.
Ver anjos brilharem de amor profundo.
No seio de Deus, ter novo viver.

Morrer sonhando

Dormirei sonhando com o perfume,
que o anjo branco atou na alma da flor.
E voou, cingiu o céu com seu lume,
e no seu rastro, morrerei de amor.

Quando a névoa de inverno atar a flor,
será tarde meu Deus para sonhar.
Sorverei o hálito do anjo de amor,
no gélido leito, um corpo a tombar.

Na liça, tantas lágrimas caíram,
e na cruz de álamo o sangue escorreu.
Na seara muitos joios surgiram,
sufocando o trigal que floresceu.

Sonhar! ... fora o néctar que alimentava,
a degredada alma na ermida fria.
A dama da noite que perfumava,
a sombra nua da noite bravia.

Oh, morte! Seus mistérios nos destina.
De egrégios portais, há muitas moradas.
Desterrada a alma rasgará a cortina,
para alar fremente em novas jornadas.

Quando romper-se do peito o cordão,
que ata o espírito à carne vivente.
Não rolem lágrimas sem emoção,
de mirrada alma, e glândula demente.

José Luiz da Luz

E nem desfolhem o lírio poento,
que inunda a língua, que anemiza os lábios.
Que a flor não se cale ao meu passamento,
sem que se dobrem os sinos dos sábios.

Sintonia

Fala! Tua garganta em vibração,
para ouvir ecos do teu pensamento.
Publica! Tuas páginas ao vento,
para conhecer o teu coração.
Age! No profano mundo sem calma,
para sentir a essência da tua alma.

A boca exala o hálito do peito,
vindo das cavernas do coração.
As mãos regem a cansada canção,
da vida, à partitura sem defeito.
A alma é a essência da vida real,
que infinita, anima o corpo mortal.

Filtra os verbos, para limpar a fala.
Descasca o teu coração, para amar.
Purifica a emoção, para doar.
Liberta na ação, doce flor que exala.
Purifica a si, para sentir da alma,
a dourada luz divinal, que acalma.

A solidão da noite

À noite a bramir, muitas vozes fremem.
Ébrias nas fendas do peito reviram,
velhas sanhas que ao seu tempo feriram.
Frias noites. Frias vozes. Que tremem.

Faminta noite que impele as feridas.
Negra porta de pérola manchada.
Aberta, solidão há camuflada.
Nas ermas grutas do peito pungidas.

Oh noite voraz! ... de mim não te rias!
Com teu luar que na relva debruça.
Molhada qual lágrima que se embuça,
e desfolha a flor tuas ventanias.

Que íntima noite, a solidão devora,
sonhos indecisos no seu negrume.
Que engole da flor todo seu perfume,
mas deixa o acúleo, que fere e assola.

Mas no além há qual pérola brilhante,
uma estrela eternal do hausto de luz.
Que na longura e em paz, abranda a cruz.
Oh, pérola egrégia, de olhar flamante!

Seres sem rosto

De tanto escorrer sangue das feridas,
no êxtase louco do sonho enfebrado.
Insanos dormem em nuvens doridas,
que deixam o rosto desfigurado.

De tanto egoísmo, enganam pelo ouro,
e acabam a si mesmos enganando.
Perdem o rosto, à réstia do tesouro.
Sem identidade, ao pó vão entrando.

Por enganar, de si mesmos esquecem.
Acham que enganam tão sinceramente,
que abstratos seres, às nuvens parecem.
Sem rosto, mentem, descaradamente.

Como o flexível galho da palmeira,
que açoitado, o vento joga onde quer.
São jogados nas vagas da poeira,
e atirados numa vala qualquer.

Precisarão beber muita verdade.
Seres sem rosto, de olhos virtuais,
para recuperar a identidade.
Ter da alma a essência dos fluidos reais.

A ciência da poesia

A medicina estudou o coração.
Mas não calculou a potência do amor;
Nem mediu quantos watts possui de emoção;
Nem biopsias fez de sentimento, e alvor!

A botânica catalogou as flores.
Mas não decifrou o encanto do perfume;
Nem graduou o esplendor de suas cores;
Nem bebeu do seu néctar, nem do seu lume.

O arco-íris, a física determinou.
Mas não expôs o êxtase do anel de cores;
Nem seu brilho nos olhos, não desvendou;
Nem reluziu à magia dos fulgores.

Os pássaros, a zoologia esmiuçou.
Mas não mediu o acalanto dos seus cantos;
Nem a harmônica melodia cifrou;
Nem descreveu das plumagens, os encantos.

No universo, a astrofísica mergulhou.
Mas não mensurou o encanto do luar;
Nem previu quantos corações inspirou;
nem a magia do seu reflexo ao mar.

A ciência é uma fera de alma selvagem.
Ao ser domada, vomita uma verdade.
Se esquiva com seus segredos à estiagem,
pois não bebe da água da serenidade.

Decifra-me

Decifra-me, as metáforas pranteadas.
Se morreu nos lábios tanta voz perdida,
nafragando no mar dos olhos, dorida.
Meça as dores na pura face manchadas.

Decifra-me as pérolas, que eu sou o mar.
Tão profundo que eu mesmo me desconheço.
Às entranhas das ermas cavernas desço,
e afogo-me em meus mistérios, a cismar.

Sou a troca de duas temperaturas.
O gelo dos neurônios e o fogo da alma.
A convulsão de duas vidas em trauma,
à senda empírea, pelas rocas impuras.

Escombros da vida morta naufragados,
flutuam ao abrir as secas feridas.
Como a beber enleio em taças floridas,
relendo as páginas dos dias cansados.

Decifra também as cavernas soturnas.
Nas desmaiadas sombras da alma a sonhar.
Mas que no arrebol do céu quer esmerar.
A interna voz blasfema às cobras noturnas.

Os seios gemem, qual pássaro cativo ...
que respira o olor da flor em eclosão.
Cingido à carne, a alma está numa prisão.
Mas que respira o vapor do céu altivo.

A dor faz bravos heróis emurhecerem,
de espada quebrada, curvarem-se à cruz.
E quem jaz no afogo, suplicar a luz.
Decifra-me! ... a noite, o dia, que penderam.

Espelho

O espelho reflete, como incontido.
A ignota luz de uma imagem interna.
As paredes escuras da caverna,
ou brilho do diamante polido.

Mostra de ti mesmo, o que queres ver.
Tua visão da face encarcerada,
pelo teu drama da nuvem criada.
De alma cega, pelo sangue escorrer.

Mostra-te belo-feio, tudo-nada.
O real e irreal numa disputa.
Porém a tua verdade absoluta,
ao conteúdo de tua alma alada.

O espelho existe para refletir.
Mas tuas metáforas podes ver.
Na irreflexão, reflete o interno ser.
Deixa a meta inexata, o existir.

Determina do teu espelho a imagem.
E tudo o que nele venha a caber.
E face à face o que cabes fazer,
para não ver da alma tua miragem.

A cisma

Era nívea, quem o jovem esperava.
Virgem no seu corpo, na alma e coração.
A pérola que o mar sagrado guardava,
para eclodir no frescor da viração.

Que nunca sentira o sangue se agitar,
nem sequer a menor brisa por ninguém.
Que os sentidos fossem dormentes aquém,
para só quando chegasse, despertar.

Como uma princesa, bela adormecida.
De alma tolhida e que um bom anjo a velasse,
e com divinas águas fosse aspergida,
para mantê-la pura no seu enlace.

Mas o mundo é o lodo do fundo do mar.
Cobrem-se as pérolas nos véus dos abismos.
Seminuas vão aos sulcos a brilhar.
Cercadas do lodo revolto dos sismos.

Mas quem brilha mais, quem vive na clausura,
mas entre as preces há voluptuosidade?
Ou a que vive lasciva em formosura,
que entre as volúpias há religiosidade?

Triste transformação

-Faça-se o homem do lodo egrégio,
tirado do caos dos elementos!
Fez-se o homem lodo em sacrilégio.
Cheio de inexatos fundamentos.

Pôs-se o irmão próximo, o distante.
Fez-se o sangue noturno e demente.
Fez-se a diferença ao semelhante.
Fez-se o amor ventura inclemente.

A lucidez brincou com o nada.
O hálito exala os perfumes últimos.
Em todo verbo há gume de espada.
E os cegos são alterados múltiplos.

Vota a mão de Caím no assassinio,
fugidio da face de Deus.
E olhos de Nero, ao fogo, em fascínio,
nos sons da lira aos delírios seus.

Que os últimos verbos sejam fados.
Mais que os primeiros à Deus que mede!
Na pedra branca, os nomes grafados,
ignota, senão a quem recebe.

Juntos para a eternidade

No mundo selvoso, que turba dorida!
Tão meiga, cansada à labuta bravia.
Vê-la assim tão pálida, aflige-me a vida,
no relento da vida, em noite tão fria.
-Que tens tanto frio.
Dos ventos, desdém.
No mundo sombrio,
eu gemo também.

A minha alma inquieta sente a sua dor.
vendo agudas pedras no seio a roçar.
Seu gélido rosto palpita em palor.
Quero meus lábios, seus lábios aqueçar.
-O mundo é tão frio,
um breu de vapor.
Te aqueço o arrepio,
com o meu amor.

É um sorriso seu hálito, em melodias.
Melenas da leve dança dos trigais,
no palco da minha face em harmonias.
Lá no céu, eu quero levá-la aos portais.
-Teu rosto tão pálido,
que pranto enxuguei.
Não cerres teu hálito,
por ti morrerei!

E se o hálito seu parar, diz-me a voz,
que sussurra ao meu coração em segredo.
Não suportarei tamanha dor atroz,
desmaiada minha alma de dor e medo.
-Partamos ligados.
Não deixe-me só!
À Deus abraçados.
Meus Deus ... tenha dó!

Analogias

A paixão é a chama que mais avassala;
O amor é o mais brioso dos ideais.
A paixão é um mormaço que a mente exala;
O amor é no coração, fluidos vitais.

A mente aspira à luz que ergue o véu da senda;
O coração, o amor que leva ao infindo.
A luz penetra, onde a razão não desvenda;
O amor é fecundo, do sagrado advindo.

A paixão ressuscita, o amor não morre.
O amor é forte pela lógica da alma;
A paixão fenece à lágrima que corre.
A lógica prova, a lágrima é um trauma.

A lágrima é um resultado da dor;
A lógica dá alento para heroísmos;
A lágrima afoga toda alma em torpor;
A lógica sublima os seus aforismos.

O ser humano é um templo, de vinho e pão;
A paixão é um altar ornado entre véus.
O amor é o lume real de uma oração;
O altar devota, a oração sublima aos céus.

Apaixonar é ter na alma uma quimera;
Amar é ter na alma uma fonte de luz.
A paixão é um círio que no vento esmera;
O amor é um sol que na janela transluz.

Apaixonar é ver um luar no céu;
Amar é ver um relâmpago no mar.
O luar enlanguesce às nuvens ao léu;
O relâmpago vence as nuvens do ar.

A paixão é sujeitar, o amor é dar.
A sujeição inebria uma vontade;
A doação despe a alma para brilhar.
A luz é um atributo da Divindade.

A alma é um mar, e a pérola é a razão.
O mar deslumbra em seus mistérios profundos;
A pérola é preciosa na imensidão.
Deus é a fonte, para todos os mundos.

Apocalipse

E todo olho O verá, à figueira vingar!
Com brancos cabelos, da sabedoria;
Em vestes compridas, da glória do altar;
Cingido à ouro, da alta soberania.
Ao chegar o verão, todo olho O verá.
Seus olhos de fogo, tudo aquecerá.

Verá à consciência fervente em palor.
Com seus pés firmes de luzente latão;
Em grande voz, de águas fartas em furor;
E ardente face de sol em explosão.
De sua boca, uma espada sairá,
de dois gumes, que tudo penetrará.

Porém antes não, que sequem os celeiros;
Sem que os sete selos caiam sobre a terra;
E que cavalguem os quatro cavaleiros;
No corpo, o sinal da besta exalar guerra.
Porém antes não, que estremeçam os mundos,
das sete trombetas aos toques profundos.

E far-se-á uma nova terra e um novo céu;
Luzirão os bons frutos à luz da glória.
Aspergidos com o sangue no seu véu,
pois beberam do cálice da vitória.
Fim da Babilônia lasciva e desdém.
Cristo erguerá uma Nova Jerusalém.

Teu nome

No livro da minha alma está escrito,
o teu nome em páginas de amor.
Que suspira o mistério infinito,
dos encantos do céu em alvor.

E teu nome brilha no meu seio,
rúbeo da chama do amor lustral.
Bebo o cálice do teu enleio,
farto-me com teu néctar vital.

Acendes no silêncio em meu peito,
a estrela sonolenta perdida.
A brilhar no escuro do meu leito,
com purpúrea auréola enternecida.

Quando minha alma grita o teu nome,
és bálsamo às cinzas consumidas.
Fenecem as quimeras com fome,
e mitigando as fibras doridas.

Filha de Deus! ... meu anjo de amor!
Vem no meu peito unir nossas almas.
Teu hálito ao meu, num só calor.
E as doridas lágrimas, tu acalmas.

Meu anjo

Se extraio fogo da alma ... que loucura!
Sorver o hálito de um anjo, bem sei!
São torrentes de quimera e ternura,
que embala os vapores que eu me deitei.

Qual os murmúrios da cachoeira afoita,
no gemer das águas nas pedras frias.
Ao subir da névoa que o vento açoita,
sonho um arco íris em névoas sombrias.

Se a lua mentiu seu luar às flores.
Nas sombras frias tremem de torpor.
Pálidas, abertas, perdem as cores,
mirrando a seiva, morrendo de amor!

Meu amor dorme num vento do céu,
ao relento, espalhando a fresquidão.
Ventos tão fortes, às vagas do léu,
e ledos sopram no meu coração.

Muito Sonhei, com a espada no peito!
De gume afoito, que nunca descansa.
Que corta o meu coração, no meu leito.
Meu anjo, a imagem da minha esperança.

Prélio contemporâneo

Eram vis crianças, no princípio insontes.
Que ataram colibris, arrancaram flores.
Mas não acoimaram os invés pendores.
Mancharam-se de ilusões em suas frentes.

Vieram jovens, à iniquidade afeitos.
Que afrontaram corpos, aviltaram almas.
Porém não dominaram mais os seus traumas.
E beberam na taça os sonhos desfeitos.

Manaram homens, acéfalos, sintéticos.
Que mataram, empunhando armas mortais.
Porém tornaram-se muitos quase iguais.
E juntos provaram dos vinhos maléficos.

Até que hoje são selvagens canibais.
Devoram-se, à alcunha: civilização!
Dos louros querem as glórias, não só o pão!
Devoram-se bravios, como animais.

Hoje ateam fogo! ... caçam nossa paz! ...
Invadem nosso lar! ... comem nosso pão! ...
Porque pouco fizeram, à evolução!
Não há mais voz. Não há mais boca tenaz.

Vil estatística de sobreviventes.
É o que somos, sem verbos, bocas cerradas.
No fogo cruzado das almas geladas.
Morreremos, antes vivamos trementes.

Moribundo

Dormia ao sol bravio do meio-dia,
no leito de pó na rua, um moribundo.
Queimado de febre, de álcool se nutria.
De pálpebras inchadas, fechava o mundo.

Além, um brejeiro eu vi. Porque mentia,
seu delírio para sua alma cansada.
Pudera saber qual sonho fenecia,
de amores, sementes à leiva mirrada.

Os ventos respirava das longas ruas.
Às vagas dos cães, que lambiam lhe a boca,
ulcerosa em vertigem de espumas cruas.
Alienado ao sol, vivia uma vida oca.

Caiu dos degraus da sociedade ao vento.
Quantas dores se tem, e quantas causadas!
Pelas ruas é um lixo humano poento.
Besta decaída entre estrelas douradas.

Funde o brilho do trono da potestade.
Mas, se fosse o sangue do teu coração?
Teu filho, teu pai, tua afetividade,
apiedarias tu de quem jaz ao chão?

Binomia

Temos hoje amplas vias: Mais e melhores,
mas nossos destinos são mais perigosos;
Mais impérios arquiteturais luxuosos,
e menos colibris, e jardins menores.

Extasiamos nos shoppings em consumismo,
mas temos menos para compartilhar;
Mais faustas mansões com seu áureo brilhar,
e menos lares com amor e altruísmo.

Há mais mármore nas ricas catedrais,
mas há menos fé, que em muitos se esfriou;
Mais ciência que a tecnologia alçou,
e menos segurança aos golpes virtuais.

A genética, os transgênicos criou,
mas diminuiu os alimentos na mesa;
Mais remédios descobertos com presteza,
e menos cura às dores que a alma assolou.

Foi-se ao espaço com a tecnologia,
mas pouco afeto há para ir ao irmão;
Mais universidades em expansão,
e menos moral, menos sabedoria.

Aumentou a taxa de natalidade,
mas a família está fadada ao niilismo;
Mais tesouros aos cofres do imperialismo,
e menos valor humano à sociedade.

Tempos revoltos: Ganhamos e perdemos!
Antes víssemos a flor do coração,
que às frias rocas cresce em sofreguidão.
Sedenta, às sendas em que nós percorremos.

Alma sensitiva

Quando brilha a visão, como deslumbrada!
Exausta de olhar o céu com asas de ouro.
Do sonho acorda-se sedenta e cansada.
Sente-se o sangue pulsar, como um estouro.

Demais, o que é o corpo senão sensorial?
Antes de ser um corpo, há uma alma sequiosa.
Que pensa e sente, porque a essência é especial;
Que busca o amor na senda luminosa.

Pois a alma depunha em si o amor e canto,
e dá às águas sabor da vida real.
Nuta à febre do coração em espanto,
nua e sensível em seu ser imortal.

Vive intangíveis verdades para o mundo,
mas puras, tangíveis na sutil essência.
Bebendo dos sonhos o afã mais profundo,
descarnada aos crepúsculos da ciência.

Porque dores há, nos sonhos e nas almas,
sujas de sangue e gemendo monodia.
Na exaustão do coração, ergue-se em traumas.
Visão inexata e voz sem melodia.

Os homens e os cães

Os cães ladram, disputam o pão.
Nas calçadas dos irracionais.
Resquícios reais.
Fomes fatais.
Quantos ais!

Os homens disputam como cães.
Não querem só o pão, mas querem mais.
Sonhos irreais.
Chagas reais.
Causam ais.

Homens há, que parecem ser cães.
Matam-se pelos dentes mortais.
Animais reais.
Nestes portais.
Tantos ais.

Homens há, que disputam com cães.
E que encontram nos lixões sociais.
Pão, restos fecais.
Comem veniais.
Pão, sem mais.

Minha íntima ventania

Era de noite: E gemendo passava,
nas sombras, solitária ventania.
Como um faminto leão parecia,
a espreitar um insonte que aventava.

No meu árido leito, eu não dormia.
Como as flores selvagens embuçadas,
pelas secas torrentes açoitadas.
Por meus sonhos, eu também fenecia.

Levava ao breu os meus ecos incertos!
À íntima ventania eu bradava,
revolta dentro de mim, me assolava.
Carregando os meus sonhos aos desertos.

Eram sonhos sentidos que voaram,
aos meus desvairados ventos de enleio.
Derramei a esperança do meu seio,
nas loucas lágrimas que deslizaram.

Que fúria! ... minha íntima ventania.
Chocaram sonhos e imaginações.
Mesclaram compatíveis e ficções.
Passa a tormenta, busco a calma.

Noite bravia

Que noite insana, quando agita,
em furor uma ventania.
Bramando verbos de desdita.
Roçando as almas de agonia.

Ó doce amor, sobre o teu seio,
deixa que desse frio vento,
das amarras do meu enleio,
eu me aquece deste relento.

E como virgem no deserto,
que delira à noite bravia.
Exalo o meu hálito incerto,
que no meu peito se escondia.

E hoje, que despi a ferida.
Dos véus dos mistérios sombrios.
De amor e solidão dorida.
Nua entre os corações bravios.

E tímida vai derramar,
as últimas gotas de sangue.
De um coração, ainda a sonhar.
Por entre o meu seio tão languê.

Sinto, como um gume encravado.
Que foi na alma em sofreguidão.
Que fé no amor depunha alçado.
Em torrentes de solidão.

Os recicláveis

Viventes dos restos da civilização.
Seres tão famintos, suarentos se consomem.
Exalando as dores da alma e do coração.
Às vagas sob o sol e chuva, as forças somem.
Porque têm coração,
e que sente também.
À aridez deste chão,
geme e palpita alguém.

Juntam nos lixões restos dos seres em glória.
Ladeados por aves de rapina e por cães.
De lábios sem voz, cada dia é uma vitória.
Atados aos recicláveis, bradam por pães.
E ajuntam dos lixões,
os resquícios sintéticos.
São círios sem clarões,
para o templo dos cétricos.

Os recicláveis: É o pão da mesa carente;
A veste que aquece corpos tão fatigados;
O leite do rebento, à fome ainda inocente;
A lágrima, o suor, à senda derramados.
Às migalhas têm fome,
por um resto perdido.
Como estátuas sem nome,
cerradas sem gemido.

Estulta fome! ... agride qual punhal afiado.
E que arde, treme, corrói o ventre em palor.
São as páginas de um livro despedaçado.
Com mudos verbos: Não dizem a real dor!

José Luiz da Luz

Que tão lânguido olhar,
à fome tão bravia.
Mais profunda que o mar.
Muda qual calmaria.

Lágrimas internas

O meu peito, as lágrimas afogaram.
De perdidas vidas tão vaporosas.
Na aluvião, restos de mim navegaram,
em torrentes de lamas perigosas.

E dormiu uma lágrima em minha face.
Qual um epitáfio no coração.
Que guarda os sabores do desenlace,
numa taça opaca, sem fresquidão.

Um dia terei pálpebras cerradas.
Me destina uma outra vida eternal.
Levarei na alma as lágrimas roladas,
e as enxugarão um anjo imortal.

Deitei no vapor, e um medo colhi.
E desmaiou meu sangue em minha veia.
Fitando o luar, no chão que vivi,
farto-me do sabor da minha ceia.

Dormias lânguida à noite, e eu sonhava.
Dormias virgem, do afago e ventura.
Quedavam ilusões, minha alma estava,
em um sonho, de suspiro e ternura.

As flores

Num castelo, dorme tão bela.
O amor que voto meu pendão.
Que dão perfume aos sonhos dela,
as flores do meu coração.

Sonha nívea à noite singela.
Como uma rosa em seu botão ...
Porque sonham no seio dela,
as flores do meu coração.

Cálida, que a noite não gela.
Do perfume da fresquidão.
Vão as flores no seio dela,
abertas ao seu coração.

**Coisas que não
voltam jamais**

O tempo perdido;
A palavra lançada;
O amor não vivido;
A lágrima chorada.

A lira quebrada;
O suor exalado;
A pedra jogada;
O sorriso negado;

A taça trincada;
A vela consumida;
A carta enviada;
A flecha desferida;

As águas passadas;
O sangue derramado;
As rosas cortadas;
O corpo sepultado.

Livro produzido pela
Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
<http://www.camarabrasileira.com>
E-mail: cbje@globo.com